

**Boletim informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain**

© DIREITO HUMANO

Solstício de Verão de 2014, Ano 5, nº 11



ÍNDICE



Neste número:

Editorial

S. JOÃO, A TRADIÇÃO SOLSTICIAL E A MAÇONARIA

A DINÂMICA SOLSTICIAL

CELEBRAÇÃO DO SOLSTÍCIO DE VERÃO

FOTOS DA DECORAÇÃO DOS TEMPLOS

RITUAL DO SOLSTÍCIO DE VERÃO

O SOLSTÍCIO DE VERÃO

Imagem da capa: S. João Baptista, por Leonardo Da Vinci

Editora: Maria de Fátima Pires – Presidente do Conselho Nacional

Grupo de trabalho do boletim informativo:

Maria da Graça Gomes, M.:P.:G.:C.:

Manuel Garrido

Raquel Reininho

Grafismo: Manuel Garrido

Colaboradores neste número:

Rui Arimateia, Ana Maria Pires da Silva, RC, Carla Batista e AMCS

(alguns participantes preferiram manter o anonimato)

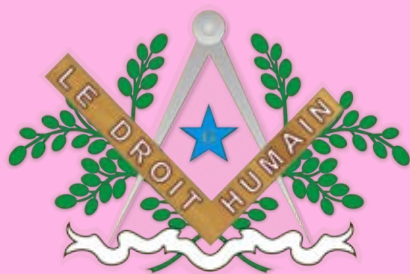
Cada artigo mantém a nova ou a antiga ortografia usada pelo autor.

Contacto para sugestões e colaborações: correio@direito-humano.pt

Disponível no site da Federação Portuguesa: www.direito-humano.pt

Boletim informativo da Federação portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

EDITORIAL



Minhas queridas Irmãs e meus queridos Irmãos,

Nos dias 28 e 29 de Junho de 2014, realizar-se-á a VII Convenção da Federação Portuguesa do Direito Humano, na sede, em Lisboa.

Como o número 7 tem uma forte presença na simbologia maçónica, também a VII Convenção deve ser um marco na nossa Federação, uma altura mágica, de purificação, como se entende que é o número sete.

Nem de propósito, a VII Convenção da Federação Portuguesa do “Droit Humain”- o Direito Humano - e, com ela, a eleição de um(a) novo(a) Presidente, vai coincidir com a altura do Solstício de Verão, símbolo do início de numa nova vida, através do baptismo, e da entrada numa época cíclica de maior Luz, a qual deve guiar o novo(a) Presidente da Federação, que deve sair da Convenção como um novo ânimo, animando também todos nós.

Ora, em virtude da aproximação da VII Convenção da Federação Portuguesa do “Droit Humain”- o Direito Humano é precisamente este, o último Boletim no qual intervenho como Presidente da Federação Portuguesa do Direito Humano.

Chega agora ao fim o meu mandato de três anos, que cumpri da melhor forma que soube, com todo o empenho que consegui.

Este Conselho Nacional cumpriu a tarefa de legalizar a nossa Associação Profana, fazendo a Escritura com as respectivas alterações, registou-a no Registo Nacional de Pessoas Colectivas, inscreveu-a nos Serviços de Finanças, apresentou pela primeira vez o IRC , etc, etc. Também assinalámos os nossos Aniversários, fizemos as nossas Convenções e, devo dizer, devendo pedir



perdão pela imodéstia, sempre num espírito de união, de comunhão e de exercício da paciência, serenidade, tolerância e de justiça.

Agradeço, assim, a forma delicada, atenciosa e respeitadora com que me trataram ao longo destes três anos.

Agradeço também a colaboração que me prestaram e a disponibilidade que sempre demonstraram, não só os Irmãos que comigo fizeram parte do Conselho Nacional, como todos os membros da Federação.

Foram três anos de serviço que espero terem dignificado o Direito Humano.

Queridas Irmãs e queridos Irmãos, desejo sinceramente que o caminho tenha sido bem percorrido, e que continue melhor e cada vez mais profundamente, por quem me seguir.

Foi verdadeiramente uma honra ser Presidente da Federação que tanto prestígio e consideração nos merece.

Obrigada a todos.

Desejo um bom trabalho ao novo Presidente da Federação. Que seja iluminado pela suprema Luz e guiado pelo grande Arquitecto.

Recebam todos o meu forte e carinhoso TAF

Maria de Fátima Pires

*Presidente do Conselho Nacional
da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional
“Le Droit Humain” – “O Direito Humano”.*

S. JOÃO, A TRADIÇÃO SOLSTICIAL E A MAÇONARIA



De tempos a tempos somos levados a refletir na importância simbólica, espiritual e maçónica do fenómeno solsticial, inserido este no ciclo de um ano e directamente relacionado com o posicionamento do Sol face à Terra, ou vice-versa.

Com efeito, no Solstício de Inverno inicia-se a fase ascendente do ciclo anual; marcando o Solstício de Verão o início da fase descendente.

No simbolismo greco-romano têm o nome de portas solsticiais e são representadas pelas duas faces de Janus, que, por sua vez, deram origem aos dois São João, de Inverno a 27 de Dezembro e de Verão a 24 de Junho. A porta invernal introduz a fase luminosa do ciclo enquanto que a porta estival está relacionada com o, a partir desse momento, progressivo obscurecimento.

Realidade Natural que se faz sentir desde os primórdios da Criação, foi contudo aproveitada pelos Homens Sages para fazer transportar para as vivências da Humanidade outras Realidades, qualitativamente superiores, estas de cariz mais Espiritual e ligadas às tradições dos Mistérios.

Nada melhor que o simbolismo de Janus para que pudesse ser transmitido aos homens o conceito de princípio permanente, pois que, este deus de cara dupla simbolizava o Uno Imanifestado que ligava o passado e o futuro no Único e Eterno Presente.

Os iniciados romanos faziam representar Janus com duas caras, uma, jovem, simbolizando o ano crescente, a outra, velha, símbolo do ano moribundo. Contudo, porque símbolo do Sol, Janus não passava de uma realidade virtual, pois a Realidade Última, perene e inefável, teria que ser apreendida para além da manifestação dualística e exterior.

Deixai-me citar aqui um belo texto que aborda muito inspiradamente o simbolismo de Janus e a sua relação com os dois São João e a Maçonaria, da obra Símbolo, Rito, Iniciación (por Siete Maestros Masones, Ed. Obelisco, Barcelona, 1992, págs.203-205):

«As festas ritualísticas dos dois São João, como em certa medida toda a celebração litúrgica, repousam pois sobre o seguinte postulado: o tempo cósmico e humano está sujeito à regeneração perene, sendo este vai-vem rítmico dos solstícios como que uma imagem e um reflexo sensível e natural desta lei universal.

Já os antigos romanos celebravam anualmente as festas sols-

ticiais dedicadas ao deus Jano, onde poderemos encontrar as mesmas significações simbólicas que se atribuem aos dois São João. Como eles, Jano presidia às fases ascendente e descendente do ciclo anual, e era considerado como o «porteiro» (ianitor), que com as suas duas chaves, uma de prata e outra de ouro, abria e fechava as épocas. Por isso mesmo era denominado também como o «Senhor do Tempo», o criador do mundo e pai dos deuses. Jano possuía as chaves (de clavis, chave) dos mistérios ligados à iniciação. As duas chaves estavam relacionadas com os dois rostos que possuía (por isso também o qualificativo de Jano Bifronte). Um deles olhava para a esquerda e estava relacionado com o passado, com o que fomos, e que como tal condiciona inevitavelmente o nosso presente. Ao rosto da esquerda se lhe adjudicava a chave de prata, chave (ou clave) que abria a porta de acesso aos mistérios ligados com a primeira fase da iniciação, em que o recipientário tem que tomar consciência de si próprio, esforço que necessariamente implica a regeneração total da psique ou da alma, elevando-a a um plano superior que por sua natureza lhe pertence. Por sua vez, a chave de ouro estava na posse do rosto que olha a direita e o futuro. Poderíamos dizer que o futuro - onde o tempo não é - se relaciona simbolicamente com o mundo celeste e uraniano (Solar), e cujos mistérios estão ligados com a segunda fase da iniciação. E é precisamente no seu papel de «iniciador no Conhecimento», que foi venerado pelos Collegia Fabrorum da Roma Imperial, antecessores directos dos grémios iniciáticos de construtores e artesãos que floresceram na Idade Média, período histórico onde precisamente Jano foi reabsorvido na forma cristianizada de São João Baptista e São João Evangelista, dos que se diz representarem as duas modalidades ou aspectos de um só e mesmo ser.»

A Maçonaria, enquanto Escola ligada à Tradição e aos Mistérios Antigos, fez coincidir com os solstícios de Inverno e de Verão, respectivamente São João Evangelista e São João Baptista, como já atrás se referiu.

Os dois Santos representavam um papel importantíssimo no grande Drama da Vida Mistérica: o do enquadramento humano daquela figura divina, daquele avatar universal - o Cristo. São João Baptista - o Precursor, anunciou a Luz e a Palavra de Cristo; por sua vez, São João Evangelista assumiu a continuidade dessa Luz e da Sua Palavra, garantindo a Sucessão Evangélica através da Iniciação Solar.

Luz e Iniciação são as realidades apontadas nestas Festas Solsticiais, que, por sua vez, marcam os pontos zénite e nadir da luz solar do ciclo natural anual.

Luz, manifestada como Fogo Solar, símbolo universal do Poder Divino. Refere H. P. Blavatsky na sua obra *As Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria* (Ed. Pensamento, S. Paulo, s./d., pág. 9):

Sobre toda a superfície da terra - do Pólo Norte ao Pólo Sul, dos golfos gelados dos países nórdicos às planícies tórridas do sul da Índia, na América Central, na Grécia e na Caldeia - era adorado o Fogo Solar, como símbolo do Poder Divino, criador da vida e do amor. A união do sol (o espírito, elemento masculino)

A Maçonaria,
enquanto Escola
ligada à Tradição
e aos Mistérios
Antigos, fez
coincidir com
os solstícios
de Inverno
e de Verão,
respectivamente
São João
Evangelista
e São João
Baptista, como já
atrás se referiu.

com a terra e a água (a matéria, elemento feminino) era celebrada nos Templos do universo inteiro.

Refere-nos igualmente Ragon, eminente maçom, que o Sol era a mais sublime e natural das imagens do Grande Arquitecto; igualmente, a mais engenhosa de todas as alegorias pelas quais o homem moral e bom (o verdadeiro sábio) simbolizara a Inteligência infinita, sem limites.

O Sol, como foco espiritual e criador, sede da Luz, o Logos, é-nos cantado por São João Evangelista, no início do seu Evangelho:

E havia um
homem enviado
de Deus:
o seu nome era
João.
Ele vinha
para servir de
testemunho,
para render
testemunho à luz

No Princípio era o Logos,
e o Logos estava junto de Deus,
e o Logos era Deus.
Ele estava no começo, com Deus.
Todas as coisas foram feitas por ele,
e sem ele, nada teria sido feito.
Nele estava a vida,
e a vida era a luz dos homens,
e a luz luzia nas trevas,
e as trevas não o receberam.
E havia um homem enviado de Deus:
o seu nome era João.
Ele vinha para servir de testemunho,
para render testemunho à luz,
a fim de que todos cressem através dele.
Ele não era a luz,
mas ele apareceu para render testemunho à luz.
Esta luz era a verdadeira luz,
que, ao vir ao mundo,
iluminava todo o homem.
Ela estava no mundo,
e o mundo foi feito por ela,
e o mundo não a reconheceu.

Realmente nesta Introdução ao seu Evangelho, João cantou a Luz, não terá sido por acaso o facto de lhe ter sido associado iconograficamente a Águia, ave solar por excelência, ligada às divindades solares. Sendo a Águia igualmente o símbolo de todo o sábio vidente com capacidade de olhar directamente a Luz Astral e ali ver a sombra do passado, do presente e do futuro, tão facilmente quanto a águia contempla o Sol.

São João Evangelista, um dos doze Apóstolos do Senhor Jesus, era filho de Zebedeu e de Salomé, irmão de S. Tiago. A tradição o fez nascer em Betsaíde, na Galileia. Exerceu primeiramente a profissão de pescador. Começou pouco tempo após a morte de Jesus a pregar a fé na Ásia Menor, na terra dos Partos. Foi o primeiro arcebispo de Éfeso e terá morrido no ano 99 da Era Cristã.

Acerca do Evangelho de São João, refiramos ainda os Siete Maestros MASONES (Op. Cit., págs. 207-208):

Porque o seu Evangelho representa sem dúvida alguma o aspecto interior e esotérico da tradição cristã, a Maçonaria lhe atri-

bui a perpendicular e o compasso, instrumentos que servem para traçar o eixo vertical que vai do centro da base do edifício até ao cume mais elevado, onde se encontra a chave da abóbada. Segundo uma aplicação particular do simbolismo cosmológico às portas solsticiais, esse eixo vertical ou essa prumada, indicará o caminho ascendente que se abre, segundo os pitagóricos, com a «porta dos deuses», a que dá acesso às «grandes viagens», onde o maçom, mestre de si mesmo pela morte e ressurreição do mestre Hiram, irá em busca da sua verdadeira origem e pátria que é celeste (o Oriente Eterno), onde poderá encontrar finalmente a reconstituição da «Palavra Perdida» que compõe o Nome Inefável do Grande Arquitecto, Sol Espiritual e eixo polar e central do Universo.



O Baptismo de Cristo,
Verrocchio

Refere o Abade Grégoire, por sua vez, acerca desta figura de São João Evangelista (cit. in *Maçonaria e Misticismo Medieval*, Isabel Cooper-Oakley, Ed. Pensamento, S. Paulo, s./d., pág.66):

Jesus conferiu aos seus discípulos a iniciação evangélica, fez com que o seu espírito descesse sobre eles, dividiu-os em diferentes ordens, segundo o costume dos sacerdotes egípcios e hebreus e colocou-os sob a autoridade de São João, seu discípulo amado, o qual elevou a pontífice supremo e patriarca.

João jamais deixou o Oriente; a sua doutrina, sempre pura, jamais foi alterada ou mesclada de qualquer outra doutrina.

(...)

O SOL, primeira realidade que, para mim, é fundamental, e elemento chave das Festas de S. João

Até 1118 [ano em que a Ordem do Templo terá sido criada em Jerusalém, pelo menos exotericamente], os mistérios e a ordem hierárquica da iniciação egípcia - transmitida aos judeus por Moisés e depois aos cristãos, através de Jesus Cristo - foi religiosamente preservada pelos sucessores do apóstolo João. Estes mistérios e iniciações, regenerados pela iniciação evangélica ou baptismo, formaram um depósito sagrado o qual, graças à simplicidade dos costumes primitivos, dos quais os Irmãos do Oriente jamais se separaram, nunca foram submetidos à menor alteração.

Já atrás nos referimos ao Prólogo do Evangelho segundo São João - independentemente de ter ou não ter sido escrito pelo próprio -, verdadeira obra prima da literatura religiosa, cristã ou não cristã, pois a autenticidade das Mensagens e das Escrituras Religiosas da Humanidade não é, de modo algum, sectária.

Refiramos ainda, e muito rapidamente, uma outra obra de João - a que João se refere está ainda por se saber com certeza - que foi legada à Humanidade: o Apocalipse. Texto iniciático que nos fala de Morte e de Vida, de Renovação Espiritual... Construção verdadeiramente sublime que encerra em si o Sanctu Sanctorum que cada um de nós, enquanto maçons, terá que descobrir por si e em si. Obra que encerra nela própria o Espírito do Cristo em-devir, que coincidentemente também re-nasce ciclicamente em Dezembro. Porém, Cristo personifica ele-próprio o Mito Solar Cósmico. Com o Seu Nascimento, como Luz do Mundo, Ele assume a regeneração espiritual da própria espécie humana. É o tempo da anunciada vitória da Luz sobre as trevas. São João aponta o Caminho, mas Cristo, por ser Ele próprio o Caminho, transforma, pelo Seu exemplo, pela Sua acção, enquanto Restaurador das Iniciações.

São João transmite a Palavra do Cristo dizendo aos homens que existe a possibilidade de regeneração e que cada um é o próprio e único responsável pela transmutação interior de homem em Deus, de Aprendiz em Mestre.

Ele assim no-lo ensina (Apocalipse, II-17):

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer do Maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedrinha branca, e na pedrinha um Nome novo escrito, o qual ninguém conhece, senão aquele que o recebe.

Muito mais se poderia dizer e especular e argumentar, sobre as diferentes iniciações místicas, perante as diversas culturas e épocas, sobre superstições e realidades, sobre costumes bizarros e cultos atávicos, contudo, gostaria tão só referir alguns conceitos e realidades energéticas, porque ao meditá-los sinto a possibilidade de transformação de mim próprio, via um autocohecimento que se pretende cada vez mais profundo.

O SOL, primeira realidade que, para mim, é fundamental, e elemento chave das Festas de S. João. Olho os solstícios como dois momentos cruciais no Ciclo da Natureza e do Ano. Associo realidade ligadas à transformação, à purificação, à mudança, ao crescimento e à colheita, à luz que combate as trevas - física, psicológica e espiritualmente. Arquétipo.

O FOGO, realidade ligada desde o primeiro momento com a criação, a manutenção da Vida e a Iniciação aos Mistérios da Humanidade. Associao a Terceira Pessoa da Trindade - o Espírito Santo, mas indissociável está o CRISTO e o BAPTISMO pelo Fogo. Arquétipo.

A FESTA, novamente a Iniciação aos Mistérios. A dramatização dos Rituais. A Consagração do Sol, do Fogo, da Natureza, do Cristo - enquanto Realidades Cósicas. Vêm também as Fogueiras, a Magia Naturalista das Mouras e das Fontes, os Encantamentos e a Adivinhação, a Poesia, a Aldeia e o Paganismo. Arquétipo.



São João Batista,
por Guido Reni

Todas as Realidades Arquetípicas, quando vividas com autenticidade, amor, tolerância, são Verdadeiras.

Tenhamos sempre em conta as palavras do Mestre Jesus, chegadas até nós pela palavra de S. João Evangelista:

«Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que o daquele que dá a vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos ordenei. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor: chamei-vos amigos, porque vos manifestei tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que escolhestes a mim; fui eu que escolhi a vós e vos constituí, para que vades e produzais fruto e para que o vosso fruto seja duradouro, a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. Isto eu vos ordeno: que vos ameis uns aos outros.»

PAX PROFUNDA

Rui Arimateia
Évora, 2014



A DINÂMICA SOLSTICIAL

Solstício deriva do latim *solstitium*, sol e *stitium*, sol e paragem, quando o sol pára, sendo astronomicamente a altura do ano em que o sol atinge o maior grau de afastamento angular do equador, no seu movimento aparente no céu. Isto é, são os pontos em que a declinação do Sol atinge extremos: máxima no solstício de Verão e mínima no solstício de Inverno. Durante o ano verificam-se dois momentos solsticiais. Ora, no hemisfério norte, neste ano de 2011 da E. V., no dia 21 de Junho às 17,16, ocorre o solstício de verão, sendo que a noite é mais curta do ano, já no solstício de inverno, em Dezembro, a noite é mais longa, variando os dias de calendário. Assim sendo, teremos em Junho no hemisfério sul, o solstício de inverno e em Dezembro, o de verão. Mas, estando nós no hemisfério norte, e sabendo de antemão que ocorre esta antinomia vamos cingir-nos a uma reflexão sobre o solstício de verão e, concomitantemente falar das celebrações que coincidem com esta data, principalmente sobre as de S. João Baptista, o que baptiza pela água.

É discutível falar de S. João Baptista e de S. João Evangelista, tidos como os patronos da Maçonaria, dos graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito, parece que não nos ficamos por aqui, porque há quem defenda existir outro, o S. João de Acre, o de Jerusalém ou o Esmoler, e que estes, são apenas um, qual Janus de duas caras.

Por isso, ao referirmo-nos a S. João Baptista não podemos deixar de mencionar, igualmente, S. João Evangelista, parecendo que me estou a repetir, devo no entanto sublinhar esta ambivalência, comparando-os a Janus, o deus de duas faces, símbolo de entrada e saída, o guardião das portas que ele deve abrir e fechar, presidindo a todos os nascimentos: dos deuses, do cosmos, dos homens e das suas acções.

Os santuários que lhes eram dedicados, constituídos sobretudo por portas, arcos e galerias, tinham como finalidade serem lugares de passagem. Quem pretendia ter êxito num projecto, devia passar por esses espaços sagrados para ficar protegido. Ora, estando Roma sob a protecção de Janus e sendo este o seu guardião, portanto quem entrava pelas portas da cidade antiga, estava automaticamente protegido, bem como todos os seus empreendimentos.

A propósito podemos estabelecer aqui um cotejo com a Assembleia da República, à porta da qual Janus toma assento, mas no exterior do pórtico, olhando o passado e o futuro, exercendo também ali a sua função de guardião, cujos rostos nunca se enfrentam, que nunca poderão contemplar o presente: o que é, mas olhando quem ali entra e tem em mãos, ainda que temporariamente, o destino de Portugal.

Como já referi, para o bom êxito duma qualquer actividade era de tradição atravessar uma porta assim, no início dum novo ano, o primeiro mês, Januáriu, exigia a bênção do deus referido: Janus, cujos nomes se confundem, tal como para Junius, que representa, ele mesmo, um novo começo ou recomeço, é uma marca.



São João Batista,
o Anunciador

Também a Igreja,
não podendo
apagar o ciclo
da natureza,
nem alhear-
se da tradição
que marca os
ciclos da vida,
vai preencher
esse espaço
de festa pagã,
cristianiza-a e
passa a festejar
S. João Baptista

Se Perséfone depois de sofrer uma transformação alquímica no interior da terra, deixa o mundo do Hades e retorna à vida na primavera, no tempo da floração, é no solstício de verão que se inicia o tempo das colheitas, se celebra a festa, a alegria, é a época da confraternização, da partilha dos frutos maduros.

Também a Igreja, não podendo apagar o ciclo da natureza, nem alhear-se da tradição que marca os ciclos da vida, vai preencher esse espaço de festa pagã, cristianiza-a e passa a festejar S. João Baptista,

Todavia, sendo ele o que baptiza pela água, que é celebrado aquando da festa do fogo, a voz que clama no deserto e o mensageiro que vem preparar o caminho do Senhor, é também o adoptado pela Maçonaria, como aprendiz, o iniciado que se submeteu ao ritual de purificação pelos quatro elementos: terra, água, fogo e ar.

Submeteu-se à prova da terra enquanto caminhou no deserto, à prova da água, quando baptizou e foi baptizado, ele é o homem do fogo interior, simbolizado nas fogueiras de S. João e que se submete à prova do ar quando clama no deserto.

Contudo João Baptista não é o homem da luz, ele é apenas o precursor do que há-de vir, por isso, quando lhe perguntavam: Quem és tu? Ao que João Baptista respondia eu sou a voz, o que prepara o caminho do Senhor, S. João Evangelista será a palavra, mas Cristo, o verbo que se materializa.

Submeteu-se à prova da terra enquanto caminhou no deserto, à prova da água, quando baptizou e foi baptizado, ele é o homem do fogo interior, simbolizado nas fogueiras de S. João e que se submete à prova do ar quando clama no deserto.

“No princípio era o Verbo
E o Verbo estava com Deus
E o Verbo era Deus.” Jo 1, 1 a 3

João Baptista sendo aquele que se antecipa, ele é também o eremita, o número nove da carta de tarot, o viajante, e ainda o companheiro na Maçonaria, ele tem uma particularidade: a progressão contínua, nada o pode deter, por isso caminha agarrando o seu bordão, ele é o Janus do passado que tem o seu duplo no S. João de inverno, que olha o futuro. Ambos têm uma missão: vigiar as entradas e saídas, o interior e exterior de nós mesmos e, se estivermos atentos ao que nos rodeia, constataremos essa ambiguidade latente.



O Hermita, carta nº 9 do Tarot maçónico

Mas, fazendo novamente a analogia com o número nove, ele representa a renovação. Termina um ciclo e recomeça outro, está sempre a transformar-se porque sendo este número o último da sequência dos algarismos, volta sempre à unidade, representando ao mesmo tempo um fim e um recomeço, símbolo da actividade universal da energia motora, a força que anima o mundo, símbolo da multiplicidade que, por extensão, representa também a solidariedade e a redenção.

Ao falar da dualidade de S. João, podemos igualmente falar da dupla natureza da humanidade, da sua mortalidade no que respeita ao corpo e na sua imortalidade no que ela tem de essencial, tal como no dualismo de Janus ou por analogia dos dois São João, cujos pólos se completam e são em si mesmos indissociáveis.

Ao terminar, lembro que a afinidade constata-se também em Loja, quando baixamos os olhos ao chão e a sua dualidade se materializa no tapete de quadrados brancos e negros, na sua polaridade positiva e negativa, que representa a unidade de todos os maçons da terra, e extrapolando, a fraternidade universal, o amor desinteressado que é apanágio de S. João Baptista, quando decide aceitar ser o que profetiza a vinda do que há-de vir, ele será apenas o que vem dar testemunho da Luz, apagando-se e, como Perséfone, retorna ao interior da terra em busca da Pedra Oculta, porque neste tempo solsticial, ele caminha no sentido das trevas, para que a Luz se manifeste no Cristo, e a LUZ, simbolicamente a luz do conhecimento, resplandeça mesmo na obscuridade mais profunda.

Ana Maria Pires da Silva
Lisboa, 2011

Ao falar da
dualidade de S.
João, podemos
igualmente
falar da dupla
natureza da
humanidade, da
sua mortalidade
no que respeita
ao corpo e na sua
imortalidade no
que ela tem de
essencial...

Bibliografia

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1986, S. Paulo: Edições Paulinas.
BIEDERMANN, Hans. 1994, Dicionário Ilustrado de Símbolos. S. Paulo: Melhoramentos.
BOUCHER, Jules, 1979, A Simbólica Maçónica. S. Paulo: Editora Pensamento (trad. De Frederico Ozanam Pessoa de Barros).
CHEVALIER, Jean, GBEERBRAND, Alain. 1994, Dicionário dos Símbolos. Santa Maria da Feira: Teorema (trad. de Cristina Rodriguez e Artur Guerra).
SÉDILLOT, Carole. 2001, b.a.-b.a. Tarot. Lisboa: Hugin (trad. Daniel Gouveia).
S. JOÃO BAPTISTA. 2008, Cucujães: Editorial Missões (trad. Prof. João Santos).
<http://www.maconaria.net/portal/index.php?option=com>
<http://www.oal.ul.pt/index.php?link=destaque&id=148>



CELEBRAÇÃO DO SOLSTÍCIO DE VERÃO

Os solstícios são dois momentos paradoxais no ano. No caso do solstício de verão é este, como se sabe, que marca o apogeu do percurso solar e dá início ao período descendente do ciclo anual. É a festa do sol, mas a partir de agora os dias passarão a ser progressivamente mais curtos. Olhamos uma das faces de Janus: João Baptista, aquele que disse “É preciso que Ele cresça e que eu diminua”. O Ele a quem se referia era o Cristo, a semente de uma nova Humanidade. Para os seres que hoje somos, será a semente em nós, o imenso silêncio do inverno para o qual começamos a encaminhar-nos com o novo alinhamento do sol Assim nos preparamos também para essa peregrinação interior que é sempre, para a Humanidade, a aproximação do Inverno, ou o caminho em direcção a ele, quando chega o verão e com ele a sua própria condenação, e com ele o seu fim, e com ele o silêncio, e com ele a semente a apodrecer em nós, e com ele a preparação para um novo nascimento e assim sucessivamente enquanto por aqui andarmos.

Se sempre nos preparamos para as viagens físicas, se de alguma forma, com mais ou menos cuidado o fazemos, por que não havemos de nos preparar também para esta viagem que agora se aproxima em contagem decrescente?

Este progressivo recolhimento do sol é, por um lado, para os que aqui estão, o cumprimento da promessa do eterno retorno, mas pode ser também, se quisermos ser generosos e até da privação fazer dádiva, a nossa oferta de sol aos que vivem do outro lado do planeta, parafraseando o poeta. Quando o sol começa a mostrar-se-nos tímido, e porque de facto não o é, esse grande actor mostra-se ao outro lado da terra cada vez mais radioso, cada vez mais Ele. Regozijemo-nos com a sorte que lhes cabe a esses nossos outros irmãos do outro lado e recolhemo-nos à nossa sorte de futuros escolhidos, que o Sol nunca exclui ninguém.

Quando pensamos que isso acontece, somos nós próprios que nos excluimos. E ao sol em nós. Celebrar o solstício é festejar a viagem do sol e prepararmo-nos para viajar com ele. É incluímos no percurso do sol e incluímos em nós o sol no seu percurso.



É um processo de atenção, consciência e amor. Aceitação integrada da natureza de que temos andado tão arredios.

Finalmente, e seguindo o exemplo desse que não sei se foi santo mas que foi certamente um ser de amor ilimitado porque a humanidade nunca foi para ele um limite que o impedisse de amar todos os seres existentes, S. Francisco, ergamos a taça e agradeçamos o sacrifício das nossas irmãs uvas e comamos o pão e agradeçamos o sacrifício do nosso irmão trigo.



Sobretudo não devemos esquecer que é quando o trigo é esmagado que adquire a possibilidade de se tornar alimento e que é quando a uva é esmagada que pode vir a adquirir o espírito que a transforma em sacramento.

... seguindo o exemplo ... de S. Francisco, ergamos a taça e agradeçamos o sacrifício das nossas irmãs uvas e comamos o pão e agradeçamos o sacrifício do nosso irmão trigo.



Decoração do Templo do Porto para as celebrações do S. João de Verão
2014



Decoração do Templo de Lisboa para as celebrações do S. João de Verão
2014



RITUAL DO SOLSTÍCIO DE VERÃO

Venerável Mestre

Todos vós meus Irmãos e minhas Irmãs em vossos graus e qualidades,

Acabámos de assistir ao Ritual do Solstício de Verão.

Num sentido simbólico poderemos interpretar o solstício como a porta baixa que cada um de nós enquanto profano encontrou no dia da sua iniciação. Essa porta que faz uma alegoria à dificuldade de entrar na Franco-Maçonaria mas simultaneamente, que ilustra através do acto de nos termos de baixar para poder aceder, evoca a humildade que devemos possuir para abrir o coração a uma nova vivência que nos permite expandir a consciência.

Com efeito, as portas solsticiais que os franco-maçons celebram ritualisticamente são meios de acesso a um outro tipo de conhecimento, e podem simbolizar o círculo cósmico, o círculo da vida, ou o zodíaco, através do eixo Capricórnio-Carangeujo.



O homem primitivo distinguia a diferença entre as épocas, pelas condições climatéricas mais ou menos constantes e definidas, as quais lhe serviram de base para organizar o trabalho agrícola. Foi nesse encadeamento que surgiram os cultos solares, com o Sol sendo proclamado - como fonte de calor e de luz - o rei dos céus e o soberano do mundo, com influência marcante sobre todas as religiões e crenças da humanidade. E, desde a época das antigas civilizações, o homem imaginou os solstícios como aberturas opostas no céu, como portas, por onde o Sol entrava e saía, ao terminar o seu curso, em cada círculo que efectuava anualmente.



A personificação de tal conceito, no panteão romano, foi efectuada através do Deus Janus, representado como divindade bifásica, já que o seu nome deriva de janua, palavra latina que significa porta. Por isso, ele era, também, conhecido como Janitur, ou seja, porteiro, sendo representado com um molho de chaves na mão, como guardião das portas do céu.

Tradicionalmente, tanto na matriz simbólica oriental como ocidental, o solstício de Verão, alusivo a São João Baptista (Verão no hemisfério Norte e Inverno no hemisfério Sul), é a porta que as almas mortais cruzam e é designada de Porta dos Homens, enquanto que o Solstício de Inverno, alusivo a São João Evangelista (Inverno no hemisfério Norte e Verão no hemisfério Sul), é a porta cruzada pelas almas imortais e, por isso, chamada de Porta dos Deuses.

Para os antigos egípcios, o solstício de Caranguejo (Porta dos Homens) era consagrado ao deus Anúbis. Por seu lado na Grécia antiga este momento era dedicado ao Deus Hermes. Tanto Anúbis como Hermes eram, nos respectivos panteões, aqueles que conduziam as almas para um outro plano.

O Solstício é inequivocamente uma fonte simbólica inesgotável, e os símbolos através dos quais o Homem sempre se socorreu para o interpretar e viver são de uma extensão tal, que não é possível aqui encerrar.

Tal como o Solstício que celebramos ritualisticamente, também o Ritual é por si só um portal. Um portal que nos coloca fora do tempo e do espaço profano e que através dele conseguimos a Egrégora onde cada um de nós consciente da nossa Liberdade humana que nos assiste, pode através dela compreender em Igualdade, como se pratica a Fraternidade.

Tal como o Solstício que celebramos ritualisticamente, também o Ritual é por si só um portal. Um portal que nos coloca fora do tempo e do espaço profano e que através dele conseguimos a Egrégora onde cada um de nós consciente da nossa Liberdade humana que nos assiste, pode através dela compreender em Igualdade, como se pratica a Fraternidade

Hoje é tempo de celebrar esse trabalho e de contemplar o sol, no dia mais longo do ano.
Hoje a luz vence as trevas.
Hoje sentimos que o amor é mais forte que a morte.

Em Templo somos todos Livres, no pressuposto da equação equilibrada entre deveres e direitos; ordem e hierarquia. As luvas evocam a nossa igualdade e despidos delas na cadeia de união, a Egrégora que nesse momento se vive evoca o propósito maior da Fraternidade, que brota de nós para toda a Humanidade, mesmo quando soa a meia-noite, período em que os Aprendizes Maçons acabam os seus trabalhos ritualísticos, o Trabalho não cessa.

A celebração de hoje convida-nos a colher os frutos do nosso trabalho no decorrer do ano. Convida-nos a observar o amudrecimento dos nossos ideais, propósitos e empenho. Transporta-nos a um tempo de reflexão e de balanço sobre todo o trabalho que efectuámos para erguer o Templo da Humanidade.

Hoje é tempo de celebrar esse trabalho e de contemplar o sol, no dia mais longo do ano.

Hoje a luz vence as trevas.

Hoje sentimos que o amor é mais forte que a morte.

Ao deitarmos nas chamas, tal qual uma fogueira de São João, os nossos nomes escritos no rolo do ano, devolvemos ao fogo criador a força animica, moral e intelectual que nos guiou nas nossas tarefas durante todo o ano maçónico.



O rolo do ano simboliza o trabalho de todos e de cada um, em todas as sessões mas também sobre nós mesmos. Nele estão representados todos os nossos actos, esforços, pensamentos e intenções, momentos bons e menos bons, desejos que ficaram por cumprir e objectivos realizados. Este rolo ao ser consumidos pelo elemento fogo, e depois de reduzido a cinzas recorda a igualdade entre Il.'.Il.'. e la.'.la.'. e reforça o sentido de grupo que deve existir.

Encerramos o ano com este ritual e com ele termina um ciclo.

Tal como os campos dourados das searas expostos ao sol se vero do Verão ardem nos meses de Junho a Agosto, amuderecendo os grãos de cereal que permitirão que fabriquemos o pão, também esses campos mais tarde, despidos do ouro dos dias longos, e após o seu merecido descanso, poderão receber a semente que brotará do seio da terra.

Com a queima dos nossos nomes no fogo solsticial, não ficámos despojados, mas renovados e purificados, prontos a iniciar mais um ano de trabalho, com empenho e conscientes do poder da Egrégora que se estabelece ritualisticamente.



A Fénix, ave da mitologia grega, também entrava ciclicamente em auto-combustão, para depois renascer forte e purificada, dedicada a um propósito sem fim e maior do que aquele que os nossos sentidos captam.

Celebrámos pois num só momento e através dos dois portais, o do Ritual e o do Ritual do Solstício de Verão, que cada vez que erguemos os nossos corações em Fraternidade e que os nossos olhos se voltam para a Luz, que entramos numa dimensão em que o Templo da Humanidade se ergue da Egrégora da Franco-Maçonaria e em especial, pela universalidade de direitos e princípios pelos quais foi fundada a Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain”.

Tenho dito.

Carla Batista
Lisboa, 2012

Celebrámos pois num só momento e através dos dois portais, o do Ritual e o do Ritual do Solstício de Verão, que cada vez que erguemos os nossos corações em Fraternidade e que os nossos olhos se voltam para a Luz, que entramos numa dimensão em que o Templo da Humanidade se ergue da Egrégora da Franco-Maçonaria ...



O SOLSTÍCIO DE VERÃO

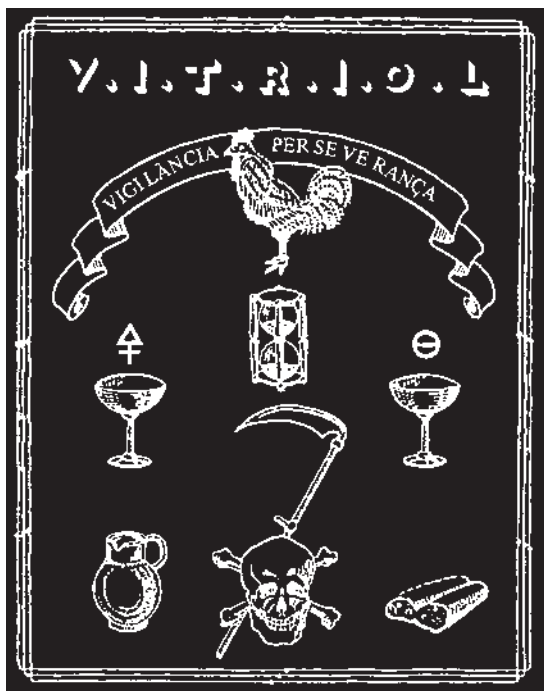
A Maçonaria comemora os dois solstícios de maneira solene, sendo que o solstício de verão corresponde à festa de João Batista e o de inverno corresponde à festa de João Evangelista. Verão, inverno, a natureza que desabrocha em todo o seu esplendor, a natureza que se recolhe, o dia maior do ano, a noite mais longa do ano, manifestação e ocultação aparente da luz.

Então, a comemoração da festa de João Batista situa-se, astronomicamente falando, quando o sol atinge o seu apogeu de poder e de irradiação no solstício de verão a 21/22 de Junho, chamado Porta dos homens. João Batista vem lembrar, neste dia mais longo do ano, a grandeza do estado transitório da Iniciação que ele confere ao baptizar nas águas do Jordão. Estes dois Joões têm em comum abrir e fechar as portas do ano, as portas solsticiais, tal como Janus, o deus dos começos com duas faces, tinha, como atributo, as chaves do passado e do futuro, pois é o deus das portas, o guardião que vigia as entradas e as saídas, porque olha para o exterior e para o interior, para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, dado que tanto está a favor como está contra. Foi este Janus que se tornou João. Na verdade, o cristianismo foi perito em reciclar antigos cultos pagãos.

O ciclo anual divide-se em duas metades, uma ascendente e outra descendente do ciclo zodiacal. O sol atinge o seu ponto mais elevado ao meio-dia, ao passo que o “sol espiritual” pode ser considerado simbolicamente como tendo lugar à meia-noite. Festa de João Batista, festa de João Evangelista.

João Batista era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, sendo esta prima de Maria, mãe de Jesus. Recebeu o nome de “Precursor” porque preparou o Caminho para Jesus e foi chamado de Batista porque baptizava nas águas do Jordão. Este precursor pregava a renúncia e o arrependimento. Ilustra bem o combate espiritual interior de cada um contra as suas tendências negativas. É neste contexto de subida e descida do sol que João Batista, ao ver Jesus aproximar-se, lhe diz: “É preciso que ele cresça e que eu diminua”.

Por analogia, é com referência ao mesmo princípio que o aprendiz 'desce' à câmara de reflexão (que tradicionalmente deveria estar localizada no sub-solo ou numa cave), para um tempo de descida em si mesmo, de introspecção e meditação. Preparado para a Iniciação, nem vestido nem despido consoante diferentes ritos, o recipiendário é despojado de todos os seus metais sugerindo a simplicidade das vestes do Batista. O silêncio imposto ao aprendiz estará próximo de uma espécie de "travessia do deserto". O avental de pele de cordeiro do aprendiz, assim deveria ser este avental, evoca ainda o despojamento e pobreza de João Batista.



O símbolo atribuído a este João é o galo, o qual também vamos encontrar na câmara de reflexão. Este animal anuncia o começo, o aparecimento e a luz de um "novo" sol. Símbolo solar, no fim da noite, o galo anuncia o dia tal como o Batista pregava no deserto para anunciar a vinda do messias. Também corresponde ao mercúrio alquímico, ao pássaro de Hermes, patrono do hermetismo, o que explica que a luminária atribuída a Batista seja a lua, a qual, na loja, corresponde à coluna do norte. A lua simboliza a memória das coisas passadas ou perdidas. Vemos assim, que qualquer que seja a abordagem tomada para nos referirmos a esta celebração, trata-se sempre de render homenagem ao 'sol', seja ele o sol interior ou o sol exterior.

Abordemos agora esta festa no seu sentido profano, também ela tão rica e cheia de interesse. Pode dizer-se que tudo começou há cerca de 5000 anos quando os nossos antepassados, que tanto gostavam de observar as estrelas, se deram conta de que em determinada época do ano o sol se move desde uma posição perpendicular sobre o trópico de Capricórnio para uma posição perpendicular sobre o trópico de Cancer. A 21/22 de Junho tem lugar, no hemisfério norte, o dia mais longo do ano. Não é, definitivamente, um dia como os outros: a natureza, o homem e as estrelas dispõem-se para celebrar uma festa carregada de poder e magia. Fadas e divindades da natureza andam soltas pelos

A lua simboliza a memória das coisas passadas ou perdidas. Vemos assim, que qualquer que seja a abordagem tomada para nos referirmos a esta celebração, trata-se sempre de render homenagem ao 'sol', seja ele o sol interior ou o sol exterior.

Esta celebração é tão antiga como a humanidade. De início pensava-se que o sol não voltaria no seu esplendor total, porque a seguir a esta data os dias começam a ser cada vez mais curtos. Por isso, fogueiras e ritos de fogo de toda a espécie tinham início na véspera do pleno verão para simbolizar o poder do sol e ajudá-lo a renovar a sua energia.

campos; os agricultores dão graças pelo verão, pelas colheitas e pelos frutos e por disporem de mais horas para cumprirem as suas tarefas e entregar-se ao recreio. Também é o momento preciso para se pedir pela fecundidade da terra e dos próprios homens. Esta celebração é tão antiga como a humanidade. De início pensava-se que o sol não voltaria no seu esplendor total, porque a seguir a esta data os dias começam a ser cada vez mais curtos. Por isso, fogueiras e ritos de fogo de toda a espécie tinham início na véspera do pleno verão para simbolizar o poder do sol e ajudá-lo a renovar a sua energia. Em tempos posteriores acendiam-se fogueiras no topo das montanhas, ao longo dos riachos, no meio das ruas e em frente das casas. Organizavam-se procissões com tochas. Dançava-se e saltava-se à volta do fogo como purificação e protecção contra influências demoníacas e para assegurar o renascimento do sol.



É notável toda a magia que se atribui à noite de São João. São inúmeras as lendas fantásticas que dizem tratar-se de um período em que se abrem de par em par as portas invisíveis do “outro lado do espelho”. Não cabe aqui alongarmo-nos sobre este tema tão interessante.

Para terminar diria que é com certeza desejo de todos nós que a alegria, luz e calor que nos é transmitido pelo sol da festa de João Batista possa incendiar o nosso sol interior, o nosso coração espiritual, levar-nos pelo caminho da luz e nos purificar e proteger contra todas as adversidades.

A.M.C.S.
Lisboa, 2014

